
MISCIGENAÇÃO: CULTURA E COMPORTAMENTO NAS HQS

Eliane Meire Soares Raslan¹

Milene Silva Sacramento²

RESUMO: A linguagem simbólica, discutindo os traços de identidade do indivíduo, é referenciada com a influência cultural e as relações sociais às quais estão integradas. Buscamos as Histórias em Quadrinhos (HQs) como meio para analisar esses símbolos e identidades retratando a miscigenação entre diversas nacionalidades dentro de regiões específicas do Brasil. Nas HQs do Rio Grande do Sul (RS) avaliamos a linguagem típica do século XVIII e nas HQs do Mato Grosso (MT) as linguagens indígenas; para ambas utilizamos como referência os textos de Jean Baudrillard a fim de tratarmos o significado figurado. Os personagens das HQs “O Analista de Bagé” e “Paiaçuá – Donos do Rio” têm suas origens específicas em determinada região e nos permitem abordar a vida e a rotina da população rio-grandense e mato-grossense.

PALAVRAS-CHAVE: Costumes e Comportamento. Cultura. Identidade. Símbolos na HQ.

ABSTRACT: Symbolic language, discussing the identity traits of the individual, is referenced to influence cultural and social relations which are integrated. We seek the Comics (HQs) as a means to analyze these symbols and identities portraying miscegenation between different nationalities within specific regions of Brazil. In the comics of Rio Grande do Sul (RS) evaluated the typical language of the eighteenth century and the HQs of Mato Grosso (MT) languages indigenous to both used as reference texts Jean Baudrillard to treat the figurative meaning. The characters of the comic “The Analyst Bage” and HQ “Paiaçuá – Owners of the River” has its origins in a region-specific and allows us to approach life and routine population Rio Grande do Sul and Mato Grosso.

KEYWORDS: Customs and Behavior. Culture. Identity Symbols in HQ.

¹ Pesquisadora e professora na Escola de Design da UEMG. Doutoranda em Comunicação Social pela PUCRS, bolsista PROSUP/CAPES. E-mail: elianest2002@yahoo.com.br.

² Bacharelado do curso de Comunicação Social da PUC Minas. Este artigo faz parte do resultado de pesquisa do CID – Comunicação, Imagem e Discurso do grupo de pesquisa do Centro de Design da Imagem - ED/UEMG.

As Histórias em Quadrinhos, Quadrinhos ou apenas HQs, são constituídas por textos e diálogos geralmente curtos e de fácil compreensão, com desenhos sequenciais que têm por objetivo contar uma história. Atualmente as Histórias em Quadrinhos (HQs) estão sendo levadas em consideração no aprendizado como meio no processo de alfabetização infantil. Elas conseguem despertar a atenção das crianças, estimulando-as a associar as ilustrações e os textos uns aos outros, tornando mais agradável o aprendizado.

O fundador e coordenador do Observatório de Histórias em Quadrinhos, Waldomiro Vergueiro, afirma que os quadrinhos utilizam a imagem gráfica, dentro desta ideia de representação visual, como um de seus principais elementos de comunicação. Vergueiro (2009) reafirma a importância desse elemento quando exemplifica que o homem primitivo desenhava na parede das cavernas como uma forma de se comunicar e que são essas pinturas rupestres que nos permitem entender como os nossos ancestrais viviam.

Entendemos que, além disso, devemos levar em consideração o formato, as cores utilizadas, os desenhos, os personagens, as histórias, a linguagem fácil e coloquial. O entretenimento que as HQs proporcionam é variado, um misto de arte gráfica e arte literária, capazes de instigar as crianças à leitura. Outra característica presente nas HQs que comprova a sua importância no processo educativo é a publicação de histórias que contam e ilustram fatos históricos. Através dessas revistinhas em quadrinhos, as crianças e até mesmo os adultos conseguem aprender e descobrir detalhes da história da sua cidade, do seu estado e/ou do seu país.

O ANALISTA DE BAGÉ: LINGUAGEM SIMBÓLICA E IDENTIDADE

Desde o século XIX, no Brasil, caricaturas, charges e cartuns figuram-se como meio tradicional de se contar uma “historinha” popular. Desenhos humorísticos que viraram tirinhas em diversos jornais e vem sendo usados de forma humorada e como meio para sintetizar acontecimentos críticos que envolvem o dia-a-dia da sociedade. Com frequência são utilizadas para satirizar

casos políticos. Também podemos encontrar nas últimas páginas dos gibis³ tirinhas com personagens distintos, com ou sem ironia, mas frequentemente com humor e às vezes sem textos, com apenas imagens. Geralmente, elas são produzidas com três pequenos quadros e deram origem às Histórias em Quadrinhos (HQs). Dentro desse gênero humorístico, buscamos “O Analista de Bagé”, de Luís Fernando Veríssimo (2002), uma HQ de humor brasileira que tem como principal característica um repertório vasto de expressões rio-grandenses, emprestadas do povo de Porto Alegre, cidade onde nasceu o autor, e da população de Bagé, município da microrregião da Campanha Meridional, da Mesorregião do sudoeste rio-grandense. Abaixo, na figura 01 a 05, destacamos algumas capas do personagem. O curioso é que Luis Fernando Veríssimo usa a técnica de pintura *aquarela* em seus desenhos e podemos perceber as melhoras de seus traços nas ilustrações de uma revista para outra, algo que ocorre com todo processo artístico.

Figura 01-05: Capas do O analista de Bagé



Fonte: Luís Fernando Veríssimo

Inicialmente vamos abordar, como meio de informação, a pesquisa realizada por Fialho (2005), na qual ele trata do município de Canguçu no RS, que nos ajudará a entender a influência cultural e a influência das relações sociais na criação do “Analista de Bagé”. O que precisamos desse estudo é a ideia sobre o modo de vida e a cultura da região do RS para continuarmos a analisar as HQs do “Analista de Bagé”. Fialho (2005) trata a complexidade do relacionamento social no contexto em que as pessoas estão integradas. Com base na história do Rio Grande do Sul, dentro de duas localidades rurais desse município, observou o comportamento coletivo e a relação dos munícipes com o território. O autor afirma que “as pessoas dessas localidades, na grande maioria, caracterizam-se pela miscigenação entre descendentes de portugueses, índios, negros e espanhóis, pela

³ No Brasil, gibi é o sinônimo de HQ. Ou mesmo Banda Desenhada, como é tratada em Portugal.

agricultura de base familiar e pelos estigmas atribuídos à origem étnica.” (p.9). Dentro desse pensamento, entendemos que na HQ “O Analista de Bagé”, Luis Fernando Veríssimo percorre do início da história cultural do Rio Grande do Sul à atualidade. Imagens antigas presentes nos novos contextos sociais se misturam, como podemos observar na primeira imagem, figura 06 abaixo, publicada em 1981, assim como os trajes. A segunda imagem da página 48, de revista publicada no ano de 1983, retrata as vestes gaúchas e a influência da língua espanhola.

06-07: O analista de Bagé Figura



08: O analista de Bagé



Fonte: Luís Fernando Veríssimo.

Fonte: HQ de Edgar Vasques

Podemos considerar, de acordo com Fialho (2005), que “precisamos conversar e observar para conhecer um pouco do passado e do presente, das aspirações, inteirando-se da história, dos valores e de outros elementos que participam do viver, para compreender os condicionantes do processo de desenvolvimento.” (p.06). No caso da HQ “O Analista de Bagé”, percebemos os grupos sociais tanto nas suas marginalizações quanto nas desqualificações destes grupos, além da relação dos diferenciais de poderes inclusa na construção de identidades. O comportamento humano e as origens são identificados na figura 04,

percebemos a forte representação dos descendentes, o cartunista brinca com expressões usadas pelos rio-grandenses na fala do índio, ao mesmo tempo em que mostra as mudanças nos hábitos, aproximação do homem branco e do índio. Quando o personagem Analista de Bagé conversa com o índio usam termos como chimarrão e cuia que são de uso e consumo frequente entre a população do Rio Grande do Sul (RS). Os problemas e limitações viram história nas HQs de Veríssimo, como também observamos nas falas dos personagens, figuras 06 a 08, influenciadas pelos idiomas e pela cultura de outros países.

O segundo momento, século XIX, é marcado pela chegada dos primeiros imigrantes alemães e, posteriormente, dos italianos. Como a parte sul do território rio-grandense estava ocupada pelos portugueses, os alemães e italianos foram destinados para a parte norte, região ocupada por serras e floretas, em pequenas extensões de terra em que a base da economia era a agricultura de mão-de-obra familiar. Estes dois momentos distintos da ocupação do território rio-grandense resultaram na divisão do Estado em duas partes, a Metade Sul, marcada pela colonização portuguesa e pela pecuária extensiva, e a Metade Norte, caracterizada pela colonização alemã e italiana e pela diversidade da produção agrícola familiar. Atualmente as duas metades estão em níveis de desenvolvimento diferentes, resultado de inúmeros fatores que não serão discutidos neste trabalho, mas que, para os menos informados, recaem sobre a formação étnica predominante em cada região. (FIALHO, 2005, p.5-6)

Esses momentos distintos tratados por Fialho (2005) são marcos deixados na cultura rio-grandense, agora, no caso do nosso estudo, podemos observar esta ideia de tempo, espaço, localização e relações de comportamento com familiaridade na municipalidade de Bagé nas HQs de Veríssimo. O penteado feminino (Fig.06) e as vestes masculinas (Fig.07) demonstram tal relação de miscigenação. O próprio nome do município Bagé – inspiração para o personagem Analista de Bagé – não tem sua origem retratada. Nome, etimologicamente falando, que é relacionado a teorias⁴ diferentes. Bagé referia-se a um líder indígena que vivia na região no século XVIII, porém, a hipótese mais aceita é que tenha

⁴ Fonte: *História de Bagé*. Disponível em: <<http://www.achetudoeregiao.com.br/rs/Bagé/historia.htm>>. Acesso em 03 Setembro de 2013.

surgido da palavra *charrua baj*. *Charrua* eram índios que viviam no território do RS, como também do Uruguai e no nordeste da Argentina. E considerando a geografia da região, *Baag* ou *Baj* significa colina ou cerro. Veríssimo consegue inserir nessas HQs características presentes dessa sociedade atual retratando as influências históricas, como: ser uma região gaúcha que teve colonização europeia, iniciada no século XVII com espanhóis e portugueses. Além de ter sido ocupada, predominantemente, pelos índios charruas até o século XVI.

Percebemos que nas HQs “O analista de Bagé” (fig.01-08) o tempo das histórias de um quadro para o outro continua adequado para o contexto histórico, dentro de uma composição direta, garantindo o humor. No contexto, trata dos índios, da dominação europeia e do modo gaúcho de ser.

Em entrevista realizada com Carlos Maranhão (1989) pela revista *Playboy*, janeiro de 1989, Luis Fernando Veríssimo afirma comparar a semelhança do *Chez* francês com o *Tchê* gaúcho. A história é contextualizada dentro dessas contradições e elementos que ligam o personagem a fatos reais, além de estabelecer um viés de conhecimento popular e extremamente regional. A comicidade é gerada por esse processo de desmistificação que rompe diretamente com a expectativa, história que trata de valores e identidade presentes na figura gaúcha do Rio Grande do Sul.

Na figura 08 acima, Edgar Vasques, também gaúcho, no final da década de 1980 resolveu quadrinizar os quadrinhos do personagem criado por Luís Fernando Veríssimo – HQ “O Analista de Bagé”. O quadrinho conta a história de um psicanalista gaúcho, supostamente freudiano de linha ortodoxa que trata seus clientes de maneira rude e grosseira. Usa de palavras marcantes, muitas tipicamente gaúchas, e ilustra a sabedoria popular do RS, como:

Bombacha: a bombacha é uma peça de roupa, calças típicas abotoadas no tornozelo, usada pelos gaúchos. O nome foi adotado do termo espanhol "bombacho", que significa "calças largas".

Abanque: sentar-se, acomodar-se em banco ou em outro assento.

Charlando: aventura, coisa boa, algo que faz bem, despreocupação.

Parelha: Cavalo preparado para a disputa de carreiras. Cavalo de corrida.

Buenacha: boa.

Bagual: Cavalo manso que se tornou selvagem. Reprodutor, animal não castrado. Pelego

Oigalê: Exprime admiração, espanto, alegria.

Bonachão: O que ou aquele que tem bondade natural, que é simples, ingênuo e paciente.

Guampa: Copo feito de chifre usado para tomar tererê.

Também encontramos elementos que são mais frequentes na cultura porto-alegrense, como: o mate (bebida chimarrão) e a cuia⁵. Os textos de “O Analista de Bagé” trazem os bastidores do consultório deste psicanalista, que faz uso de conhecimentos pseudocientíficos aliados a essa sabedoria popular que tem relação com os pampas⁶ para auxiliar seus pacientes a resolver seus anseios. O analista não é nem um pouco ponderado em suas frases, trata abertamente dos costumes regionais, da sociedade moderna e científica dos tempos. Em suas crônicas é possível perceber críticas aos falsos valores morais, à política e ao machismo. Consegue retratar exatamente o banal e medíocre da sociedade. Como as pessoas se veem e se divertem com fatos que vivenciam nas suas realidades. Trata fatos reais contextualizados na ironia, nos problemas e na alegria do dia-a-dia de forma cômica.

Schweig (2010) analisa o personagem de Luís Fernando Veríssimo, “O Analista de Bagé”, identificando a identidade gaúcha.

No caso do analista de Bagé, vemos todo tempo a quebra da imagem de duas figuras com papéis supostamente bem definidos e separados na ordem social formal: o gaúcho campeiro e tradicional; e o psicanalista sofisticado e intelectualizado. É exatamente com essas figuras que o texto de Veríssimo busca romper, explicitando a mistura entre ambas – que, de fato, ocorre na realidade cotidiana... o vocabulário “gaudério” que permeia a resposta do analista de Bagé demonstra que estamos diante de um psicanalista que apesar de se dizer “freudiano de carregar bandeirinha” não segue o estereótipo dominante de tal profissional. Da mesma forma, a imagem idealizada do gaúcho restrito aos domínios do campo, cultivada pelo regionalismo, pouco combina com o reconhecimento e a citação de autores clássicos da psicanálise. Há aqui uma dupla quebra de estereótipos –

⁵ Cuia: A casca do fruto da cuieira, que, depois de seca e limpa, é empregada pelos indígenas como prato etc.; cuité. Vasilha feita da cabaça, usada em vários misteres, e utilizada no Rio Grande do Sul, ricamente adornada, para preparar e beber o chimarrão. Fonte: Dicionário Online de Português < www.dicio.com.br/cuia>.

⁶ Pampa (s), Campos do Sul, Campos Sulinos e Campanha Gaúcha são termos que se referem à região pastoril de planícies com coxilhas localizada no sul da América do Sul. Abrange a metade meridional do estado brasileiro do RS (ocupando cerca de 63 por cento do território do estado), o Uruguai e as províncias argentinas de Buenos Aires, La Pampa, Santa Fé, Córdoba, Entre Rios e Corrientes. Fonte: *Idem*.

figuras antes claramente delimitadas são fundidas em um único e contraditório personagem. (SCHWEING, 2010, p.59-60)

Entendemos que existam contradições na identidade gaúcha e que é expressa pelo personagem criado por Luís Fernando Veríssimo. Schweig (2010) garante que essas incoerências são efetivas como característica quando percebemos a diversidade e a complexidade da identidade sul-rio-grandense. “Portanto, podemos entender que a figura do analista de Bagé aponta para aquilo que o regionalismo e o tradicionalismo (bem como aqueles que enfatizam a face cosmopolita e sofisticada do Rio Grande) não deixam entrever.” (p.60). O autor também busca tratar o humor a partir de Henri Bergson (*apud* Rosas, 2003), verificando dois tipos de risos: “o primeiro deles seria “cômico” e ocorreria quando a palavra dita nos faz rir de quem a pronuncia. O segundo seria “espirituoso”, ocorrendo quando a palavra nos faz rir de uma terceira pessoa ou de nós mesmos.” (p.65).

O Rio Grande do Sul (RS) tem uma população formada, em sua maioria, por descendentes portugueses, alemães, italianos, africanos e indígenas. E ainda por uma pequena parte de espanhóis, poloneses e franceses, dentre outros imigrantes. Nesse contexto de influência cultural tratamos o sociólogo e filósofo francês Baudrillard (1986), que defende a ideia de que nos países colonizados não existe uma liberdade social e cultural, porque a cultura desses lugares passou por um processo de miscigenação. Entende que a linguagem pensa e pensa por nós, o que versando sobre o sujeito, tanto quanto nós pensamos por meio dela. Algo que podemos perceber no personagem “O Analista de Bagé”, forte influência de imigrantes que vieram para o RS. O indivíduo que visita o RS, em algumas épocas do ano, sente-se como se estivesse na Europa, pela proximidade das estações, como a neve em algumas cidades. Apesar do clima predominante no Brasil ser o tropical, nas cidades gaúchas as temperaturas diminuem consideravelmente no inverno.

No RS, fica nítida a influência do colonialismo europeu, é comum famílias de imigrantes que conversam através de idiomas específicos, as tradições como festas de cerveja e vestuário tipicamente usado que remete à Alemanha, a tradição

de fabricar vinhos. Abordando Baudrillard (2002), tais relações, “persiste alguma singularidade, alguma minoria, algum idioma específico, alguma paixão ou crença irreduzível”, característica que reforça a existência dessas heranças simbólicas, constroem a personalidade individual ou mesmo de uma sociedade, da mesma forma, que existem heranças genéticas.

Nas HQs “o Analista de Bagé” percebemos as comparações constantes do modo de vida gaúcha citadas no personagem, como também as frases sobre o homem no campo. O citado livro em alemão, que fica na sua estante no decorrer de suas histórias, é uma realidade instintiva da população local. O importante é entender que apesar dessas fortes influências europeias sobre a população do RS que são constituídas através da presença de imigrantes europeus, de índios e de africanos, os gaúchos possuem sua singularidade, características que foram formadas através da junção das culturas europeias (predominantemente) com a cultura africana e a cultura indígena.

Através dessa miscigenação construiu-se um modo de falar, um modo de se vestir, um estilo de vida, comidas e bebidas típicas da região que a caracterizam quanto a diferença da cultura de outras cidades brasileiras como da própria cultura europeia.

O Analista de Bagé, de Luis Fernando Veríssimo (2002), é um dos poucos personagens da literatura brasileira que obteve tamanha repercussão e carinho popular. Apenas oito meses após seu lançamento em 1981, a obra já tinha alcançado a marca de 160 mil exemplares consumidos. Os contos são tirados entre o choque histórico percebidos nas falas do rio-grandense e os costumes regionais da sociedade moderna.

“Um dia me entrou um índio com cara de quem preferia não ter nascido e eu não me segurei na bombacha. Fui lá e lhe apliquei o joelhaço. O índio se contorceu feito canivete, mas não se convenceu. Disse que sentia um aperto na garganta cada vez que pensava no infinito e que aquela era pior sensação que um vivente podia sentir. Aí eu cheguei bem perto e perguntei: É pior que o joelhaço?” (O ANALISTA DE BAGÉ, 1981, p. 24)

O texto acima citado na HQ nos faz pensar tanto por ser algo muito regionalista quanto intimista. “O Analista de Bagé” relaciona-se diretamente com o leitor. De uma forma ou de outra, seja conversando ou provocando reações espontâneas, gera gargalhadas incontroláveis, diverte o público com uma intimidade invejável. O grande uso de polissemia, subjetividade, ruptura das convenções linguísticas, linguagem expressiva, gírias, interjeições e muitas metáforas enriquecem os textos e garantem esse ar íntimo com os leitores, cada vez mais interessados nas histórias.

PAIAGUÁ – DONOS DO RIO: LINGUAGEM DE ÉPOCA

É importante compreender que cada indivíduo, cada cidade, cada Estado e cada país têm as suas singularidades. Com análise dos traços da linguagem simbólica e da identidade cultural da HQ “Paiguá – Donos do Rio”, da cidade de Cuiabá, identificamos características específicas relacionadas à influência regional sobre os comportamentos e preferências do indivíduo por determinadas comidas e bebidas, distinções sobre as roupas utilizadas e também sobre as formas de se comunicar, como: as expressões corporais, as pronúncias de algumas palavras, as gírias, os termos e expressões regionais. Augusto Figliaggi e Elaine Gonçalves narra de forma ficcional a história da guerra entre os colonizadores portugueses e os índios mato-grossenses na HQ “Paiguá – Donos do Rio”.

Dentro desse pensamento das influências culturais, buscamos novamente as ideias de Baudrillard (1986). O autor defende a ideia de que a cultura de um determinado lugar pode ser caracterizada através da sua formação geológica. O que nos fez procurar informações sobre a cidade brasileira de Cuiabá, Capital do Mato Grosso (MT). Cuiabá⁷ possui um clima tropical e úmido, tem como vegetação predominante o cerrado e está localizada no divisor da bacia Amazônica

⁷ Cuiabá carrega em seu casario histórico, nas igrejas e ruas, as marcas do passado de exploração de ouro e grandes disputas territoriais, em especial na Guerra do Paraguai. Cortada pelo Rio Cuiabá, um dos principais afluentes do Rio Paraguai, Cuiabá tem entre suas principais atrações turísticas, culturais e históricas a Igreja do Rosário e São Benedito, construída pelos escravos no século 18; o Museu de Pedras Ramis Bucair, Museu do Rio Hid Alfredo Scaff, Museu do Morro da Caixa D'Água, Centro Geodésico da América do Sul, o Museu Rondon do Índio e a Praça da Catedral. Fonte: Prefeitura de Cuiabá < <http://www.cuiaba.mt.gov.br/pages#>> Acess: 04 setembro de 2013.

e da bacia latina. Os traços culturais e regionais, como: o artesanato, as gírias e os trejeitos presentes na fala, nas danças, nas músicas, nas comidas, nas bebidas e nas vestimentas possuem características ligadas ao clima, à vegetação, a biodiversidade do Pantanal e a miscigenação presente no seu povoamento.

Basicamente, de acordo com Neto (2007), a cidade era povoada apenas por indígenas. No período do movimento das bandeiras, vários bandeirantes paulistas começaram a desbravar Cuiabá em busca de ouro e de outros metais preciosos. Além disso, os próprios bandeirantes capturavam negros africanos que moravam em Quilombos. A miscigenação de Cuiabá foi constituída através da presença e das influências indígenas, dos negros e dos bandeirantes paulistas (índios, caboclos e brancos). Acontecimentos históricos que podemos perceber no nosso objeto de pesquisa, HQ “Paiguá – Donos do Rio”, figura 09 e 10 abaixo:

Figura 09-10: HQ Paiguá – Donos do Rio



Fonte: Augusto Figliaggi e Elaine Gonçalves

Figura 11: Cartaz do Projeto Paiaçuá – Donos do Rio



Fonte: Blog “Paiaçuá - Donos do Rio”

Essa miscigenação e os embates que ela provoca nos mostram – tendo como alicerce os textos de Baudrillard (1986) – que os países colonizados possuem a cultura “da mistura nacional e racial, da rivalidade e da heterogeneidade”. No século XVIII, ocorreu em Cuiabá, a “guerra justa”, como podemos perceber na figura 05 acima, que mostra a diferença entre o discurso do Império e a realidade vivida nesse período.

Como forma de justificar esse combate entre bandeirantes⁸ e indígenas paiaçuás, deu-se a seguinte explicação (fig. 09-10):

Sendo tão notórias as extorsões, mortes e roubo que os gentios bárbaros da nação paiaçuá e os mais que infestam o caminho das minas do Cuiabá (...) e o rio Paraguai infestado dos paiaçuás, onde por várias vezes atacaram as nossas tropas, destruindo no ano de 1730 a que vinha o ouvidor Antônio Lanhas Peixoto, matando-o e à maior parte dos que o acompanhavam, roubando todo ouro que traziam, de que

⁸ Fonte: Portal São Francisco – Site Institucional do Colégio São Francisco. Disponível em: <<http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/bandeirantes/bandeirantes-1.php>>. Acesso em: 28 Maio de 2012.

tem resultado um considerável prejuízo não só aos direitos reais, mas aos interesses deste Estado, e se deve reeçar que o mesmo gentio paiaguá e os mais bárbaros, animados dos roubos que têm feito, continuem e frequentem os mesmos insultos, de que se poderão seguir sinistras consequências, fazendo-se muito preciso acudir-se com pronto remédio para se evitarem os danos futuros, dando-se um tal castigo àqueles bárbaros que lhes sirva de terror, e assim a eles e a todos mais que habitam por aqueles sertões. (Bando de 20/09/1732. Em 'Bandos, regimentos e ordens dos capitães-generais conde de Sarzedas e Dom Luís Mascarenhas, 1732-1748', Doc. Int., vol 22, pp.12-14).

Sabe-se que a tribo indígena Paiaguá, de acordo com Figliaggi (2011), conhecida por sua resistência às conquistas coloniais portuguesas, era formada por pescadores, coletores e caçadores nômades que utilizavam canoas como a principal forma de deslocamento.

Em 2010, Augusto Figliaggi e Elaine Guarani desenvolveram um projeto que tinha por objetivo criar uma História em Quadrinhos (HQ) que contasse, explicasse e incentivasse uma reflexão sobre quem eram os paiaguás, sobre o que foi a "Guerra Justa" e sobre quais foram as suas consequências. Acima (Fig. 11), temos o cartaz desse projeto que originou a HQ.

Condizendo os pensamentos de Baudrillard (1986), dentro desse contexto de identidade cultural, afirma que "na América, cada etnia, cada raça, desenvolve uma língua, uma cultura competitiva (...) e cada grupo assume, sucessiva e simbolicamente, uma posição dominante." Através dessa afirmação, pode-se cogitar que todos os confrontos entre paiaguás e bandeirantes são consequências das diferenças de interesses, das diferenças culturais e da diferença do modo de vida de cada um desses povos. A luta representa simbolicamente o embate entre o progresso que tanto o império português quanto os bandeirantes buscavam. Manutenção dos costumes primitivos de um povo indígena.

Ainda tratando as ideias de Braudrillard (2002), "em todo conflito, é preciso distinguir o combatido – nível propriamente político da guerra – e o sacrificado, de fato liquidado e varrido, o objeto de disputa mais profundo e o objetivo final." No caso, dos Paiaguás sabe-se que eles foram os combatidos e sacrificados, de acordo com Presotti (2012). Ainda, a própria HQ, figura 07 abaixo,

mostra que os soldados do império e os bandeirantes cortaram a cabeça de cinquenta índios e as espetaram em paus na borda da bacia hidrográfica do Paraguai (fig. 12-13).

Figura 12-13: HQ Paiaguá – Donos do Rio



Fonte: Augusto Figliaggi e Elaine Gonçalves

No embate entre indígenas e bandeirantes é nítido que muitos índios morreram e que grande parte da sua herança simbólica foi perdida aos poucos. Baudrillard (2002) afirma que “toda cultura que se universaliza perde sua singularidade e agoniza. Foi assim com as culturas que destruimos, assimilando-as pela força”. Ou seja, a Tribo Paiaguá foi completamente destruída, perdeu grande parte da sua identidade, entretanto, os portugueses, também, perderam a sua singularidade a partir do momento que os habitantes da colônia brasileira absorviam traços da sua identidade.

Dentro de todas as passagens históricas citadas na HQ, percebe-se a preocupação dos autores em mostrar a importância dessa história tanto para os mato-grossenses quanto para todos os brasileiros. É um pedaço da história do Brasil, demonstração de que somos frutos de uma miscigenação oriunda da

colonização portuguesa, da escravização dos negros e da invasão ao território indígena. Como uma forma de provocar outras formas de reflexão, os autores Figliaggi e Gonçalves, terminam a HQ com a afirmação: “foi em nosso Centro-oeste que tudo terminou. Região não é apenas uma localização geográfica. É uma invisibilidade de pertencimento. As características invisíveis que unem um grupo. Por mais que elas sejam inúmeras.”.

Retornando a Baudrillard (2004), assegura que um ato simbólico pode ser enfatizado através de trocas de linguagens. Defendendo, também, a sedução – a forma de seduzir – como formas culturais de relacionamento que dão embasamento a abordagem de linguagem e da identidade. Através dessa contextualização, entre os conceitos apresentados pelo filósofo e as nossas (baseadas no contexto) pela HQ, abordamos a construção da linguagem simbólica e da identidade cultural mato-grossense. A linguagem é um instrumento de interação interpessoal e a linguagem simbólica é intrínseca dos seres humanos, tendo em vista que o homem é o único animal capaz de criar símbolos, de dar significação a tudo que está ao seu redor. Silva *et al* (2009) complementa ao afirmar que a linguagem simbólica abriga traços da singularidade de cada indivíduo, de cada região, de cada país.

Linguagem simbólica que é retratada nas HQs “Paiaguá – Donos do Rio”, além da representação em imagens e textos da miscigenação, também mostra a interação com a sociedade atual como podemos perceber na contextualização de Figliaggi (2011):

Em um estado como o Mato Grosso temos os indígenas, temos a vida caótica urbana, o sol infernal, o guaraná ralado, o Rock n’ Roll, o siriri, a viola de cocho, as guitarras desafinadas, as orquestras, as pinturas ritualísticas, as lanchonetes e seus baguncinhas, a juventude sofisticada da praça popular, os grupos de teatro, os jornalistas da TV, as praças que homenageiam os loucos, temos os próprios loucos, temos a cabeça de pacu frita, e suas ventrechas nos pratos feitos, temos a cerveja gelada, os sucos de fruta, temos o pequi, o caju, a manga, temos os sushis feitos em restaurantes e supermercados, em Mato Grosso temos as tribos de todas as etnias possíveis. (FIGLIAGGI, 2011, p. 69).

Cuiabá possui características do fruto de várias etnias, da sua localização geográfica e de tudo o que já aconteceu e que ainda acontece em seu território. Cada trejeito, cada fala, cada palavra, cada uma das suas formas de expressão trazem a tona as suas heranças genéticas e também as suas heranças simbólicas (a miscigenação, as trocas culturais entre indígenas, brancos, negros).

Nesse pensamento da identidade cultural de um povo, de acordo com Freitas (2010), ela é constituída pela sua linguagem, por seus adjetivos pátrios e regionais, pelo sotaque que caracteriza o quê e de onde cada pessoa é. Outras características linguísticas também são importantes na formação da identidade cultural de um povo, como as gírias, as expressões regionais ou até mesmo os trejeitos na hora de pronunciar algumas palavras, exemplos: um paulista puxa a letra “r” das palavras; o carioca arrasta a letra “s”; os mineiros utilizam muito as expressões “uai”, “trem” durante suas conversas, e um gaúcho fala muito “báh”, “tchê”.

Na HQ Paiaguá- donos do rio, os autores narraram, através de uma interpretação particular, relatam um fato histórico. Nesse caso, pode-se considerar que existem dois tipos de linguagem simbólica e cultural: primeiro, a linguagem dos bandeirantes, que usavam expressões oriundas da mistura entre brasileiros, negros, portugueses e até mesmo com os indígenas. A outra é a linguagem própria da Tribo Indígena Paiaguá.

Através dos quadrinhos percebemos já nas primeiras páginas, a contextualização do fato histórico narrado, aproximadamente em que período e local o fato ocorreu. Já no início da história a narrativa aparece, por exemplo, na frase “algum local da Bacia Hidrográfica do Paraguai – 1734”. Deve ser levado em consideração que no ano de 1734, o Brasil possuía uma linguagem bem influenciada pelos laços existentes entre a colônia brasileira e a metrópole Portugal, pela presença da Espanha que disputava o território com Portugal, pela presença dos negros vindos da África e pelos tantos dialetos falados pelas tribos indígenas que habitavam o país.

A HQ, apesar de não ser um livro literal sobre a época, apresenta alguns traços, expressões e trejeitos dessa linguagem através do relato histórico. Augusto Figliaggi e Elaine Gonçalves mostram as variações da palavra “você” que eram

típicas daquela época e também utilizam nomes de indígenas, apresentando a singularidade da tribo e do seu linguajar. Nos quadrinhos às gírias são frequentemente usadas, sejam elas marcadas por época ou regionalistas. Como é o caso de "Paiaгуá Donos do Rio". Abaixo, principais palavras e expressões utilizadas pelos bandeirantes, linguagem da época de 1734:

- **Trompaço:** encontrão, empurrão.
- **Sinhô:** tratamento respeitoso que os escravos conferiam ao patrão. Palavra reduzida com supressão da vogal "e", e da consoante "r".
- "num vamo ficá a sua mercê capitão": à mercê de (alguém ou alguma coisa), ao sabor de, ao bel-prazer de, na dependência da vontade de (alguém).
- **Vossa:** em vez de pronunciar o pronome possessivo sua.
- **Vosmecê:** forma reduzida de vossemecê ou vossa mercê, tratamento de respeito, ou de intimidade, equivalente a o senhor/a senhora ou você.
- **Funesto:** deplorável, desventurado, infeliz.
- **Monções:** expedições fluviais paulistas que partiam de Porto Feliz, às margens do Rio Tietê, com destino às áreas de mineração em Mato Grosso.
- **Barbote:** objeto feito em couro ou em outros materiais que tinha como função proteger a barba do cavaleiro
- **Bulixo:** no Mato Grosso, esse termo tem um significado especial, porque nomeia os estabelecimentos que forneciam os mais diversos produtos que os moradores pudessem precisar e serviam como um lugar de interação pessoal.

Principais palavras e nomes indígenas utilizados pela tribo Paiaгуá:

- **Anapichaguá**
- **Evuevê:** "gente do rio"

Outra característica marcante na HQ "Paiaгуá – donos do rio" é a oralidade, o tom conversacional, ou seja, as falas dos personagens assemelham-se a linguagem falada e não a linguagem escrita. Além disso, os autores mostram abaixo erros de escrita/pronúncia de algumas palavras, como também estão nas expressões da figura 15-16.

- Acabá: acabar;
- Falô: falou;
- Pá: para;
- Tomá: tomar;
- Falá: falar;
- Entendê: entender;
- Num: como sinônimo de não;
- Ficá: ficar;
- Descurpe: desculpe;

- Tá: está;
- Canoêro: canoieiro;
- Pruque: porque;
- Hómi: homens;
- Cabrerô: cabreiro;
- "Esses índio".
- "Eu não tô me sentindo bem".
- "Se os hómi do piolho..."

Na segunda imagem, na página 03 da figura 15 abaixo, podemos ter uma noção da forma como os bandeirantes conversavam. É contado e apresentado através da HQ um suposto mito paiaguá: “Anapichaguá sonha com um mito paiaguá. Nesse mito seu povo é representado por um pacu. Um dos maiores peixes do Rio Paraguai. Mas de súbito surge um dourado, o homem branco. E o afronta.” Palavras e expressões presentes nos quadrinhos que confirmam o uso do linguajar popular e termos que são “inapropriados” dos bandeirantes, linguagem típica desses homens que viajavam o país inteiro atrás de metais preciosos. Existe, também, a presença da linguagem simbólica indígena, perceptível no nome do índio e depois pela citação da palavra “evuevê”. Além disso, temos a linguagem no senso comum, são taxadas como frases pronunciadas por indígenas, como: “Ouro não. Lúcio, Cuiabá.”; “Ajuda amanhã! Lúcio, Cuiabá!”.

Figura 14-16: HQ Paiaguá –Donos do Rio.



Fonte: Augusto Figliaggi e Elaine Gonçalves, p.3-4.

Interpretamos que além da linguagem simbólica existem outras formas de identidade cultural (expressões, linguagens corporais, imagens, desenhos) que são muito importantes para os processos de significação humana e para a delimitação da singularidade de um determinado povo, como na primeira imagem da figura 08 acima. Eles vão ilustrando o ritual indígena, linguagem representada no texto e no desenho. A HQ “Paiaguá – Donos do Rio” é um exemplo nítido da importância do uso das HQs como fonte cultural. Tanto os patrocinadores do

projeto quanto os quadrinistas (autores das HQs) são modelos de possibilidades alternativas de publicação, registro, da história brasileira, divulgar as diversas raízes culturais através de novos meios de comunicação e interação. Para esta nova geração que a cada dia interessa menos pela leitura tradicional de livros didáticos e científicos a HQ pode ser uma alternativa de incentivo a leitura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que tanto a HQ “Paiaguá - Donos do Rio” quanto o quadrinho “O Analista de Bagé” mostram a linguagem simbólica e ilustram a identidade cultural. Na HQ “Paiaguá - Donos do Rio” os autores preocupam-se em revelar um fato histórico mato-grossense, em incentivar uma análise, uma reflexão sobre o ocorrido. No quadrinho “O Analista de Bagé” o autor vai apontando traços da cultura e da linguagem gaúcha de uma forma humorística.

Apesar dessa diferença na abordagem e na construção da história é importante ressaltar que as duas Histórias em Quadrinhos (HQs) são responsáveis por apresentar aos leitores um pouco da cultura regional – como as gírias e expressões – e suas fortes influências de miscigenação em cada um desses estados.

Esses quadrinistas trabalham imagens e textos constituídos nas identidades do Brasil, além de constituir a emergência regional. Acrescentam alguns pontos importantes ao registrarem essas histórias reais, permite que o leitor em determinado momento conheça o drama vivenciado ou em outro andamento se divirta, mesmo assim não foge dos fatos históricos, conseguem manifestar o que ocorreu em suas distintas regiões. Em especial, a população local consegue se identificar e colocar em discussão com os possíveis olhares sobre a sua cultura.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **América**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. **Da sedução**. 5. ed. Campinas (SP): Papyrus, 2004.

_____. **Tela total: mitos-ironias da era do virtual e da imagem**. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

FIALHO, Marco Antônio Verardi. **Rincões de pobreza e desenvolvimento**: interpretações sobre comportamento coletivo. Tese de doutorado. UFRRJ, Rio de Janeiro, 2005.

FIGLIAGGI, Augusto. **Paiaguá – Donos do Rio**. 1ª ed. São Carlos: Associação Instituto Cultural Janela Aberta, 2011.

FREITAS, Luis Felipe Rhoden (2010). **A Identidade Cultural na Interface Com os Estudos Enunciativos e Discursivos**. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sited/arquivos/LuisFelipeRhodenFreitas.pdf>> Acesso em 01 de junho de 2012.

MARANHÃO, Carlos. **Entrevista com Luis Fernando Veríssimo**. Revista Playboy. Ano 14, nº 1, Janeiro de 1989.

NETO, Manuel Pacheco. **Os bandeirantes como tema da educação brasileira**: um estudo dos livros didáticos publicados entre 1894 e 2006. Tese doutorado da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Metodista de Piracicaba. UNIMEP: São Paulo, 2007.

PRESOTTI, Thereza Martha. **A conquista dos sertões do Cuiabá e do Mato Grosso**: os numerosos reinos de gentios a “guerra justa” aos paiaguá (1719-1748). Disponível em: <<http://www.ifch.unicamp.br/ihb/Textos/TMPresotti.pdf>> Acesso em 25 de maio de 2012.

SCHWEIG, Grazielle **Ramos. Identidade cultural, contraste e deslocamento**: O “Analista de Bagé” em questão. Anuário de Literatura, v. 15, n. 02, 2010.

SILVA, Carmen Luci da Costa (Org.). **Teorias do discurso e ensino**. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2009.

VERGUEIRO, W. C. S. (Org.); RAMOS, Paulo Eduardo (Org.) . **Muito além dos quadrinhos**: análises e reflexões sobre a 9ª arte. São Paulo: Devir, v.1, 2009.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Todas as histórias do Analista de Bagé**. 1ª ed Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

Recebido em julho de 2013.

Aceito em agosto de 2013.